



*Il Superiore Generale
Superior General*

CARTA DO SUPERIOR GERAL

*Festa litúrgica de São Camilo De Lellis
1614 – 14 de julho - 2015
401 anos de sua morte!*

***Aos nossos idosos e doentes
Envelhecer com dignidade e elegância:
um imperativo ético e também uma escolha pessoal!***

*“Como é bela a sabedoria dos anciãos”
(Sir 25, 5a)*

*“Meu filho, cuida de teu pai na velhice, e não o abandones enquanto ele viver. Mesmo se a sua inteligência faltar, sê compreensivo com ele, não lhe faltes com o respeito, tu que estás em pleno vigor, pois a caridade feita ao pai não será esquecida” ...
(Sir 3, 12-14a)*

No curso das visitas fraternas, realizadas nas mais diferentes áreas da geografia camiliana mundial, neste primeiro ano de serviço junto aos coirmãos de nossa querida Ordem Camiliana, levando a sério o convite de nosso Pastor maior, Papa Francisco, de sairmos de nós mesmos (“*êxodo pessoal*”) e “*ir ao encontro dos coirmãos*”, principalmente dos que se encontram nas “*periferias existenciais da vida*”, tive a oportunidade de encontrar e ouvir muitos coirmãos idosos e doentes. Deparei-me com o clamor de muitos, que tocou meu coração, um clamor por vezes angustiado e/ou silencioso, expresso em olhares lacrimejantes, tristes e suplicantes: “*não esqueça de nós, volte para nos visitar*”; “*cuide da nossa Ordem com carinho, por favor*”! Fui lembrado também por muitos coirmãos, de que um Padre Geral, Pe. Calisto Vendrame (1977-1989) - que foi também meu diretor espiritual e professor durante vários anos durante o período de formação em São Paulo, Brasil- se lembrou deles e até escreveu uma linda “*Carta aos anciãos*”. Esta mensagem ficou gravada no coração de uma geração inteira de jovens e adultos camilianos de então, muitos dos quais são os idosos de hoje. Imagino que também tenha surtido um efeito importante em termos de autoestima para os idosos de então, que hoje estão na casa do Pai.

Relembramos com saudades deste nosso querido coirmão, fazendo uma releitura deste seu escrito, que foi publicado na Revista *CIC – Centro de Informações Camilianas*, na seção “*A palavra do padre Geral*”. É surpreendente a atualidade e visão profética de sua mensagem, em termos de valores éticos cristãos, em tempos históricos, sociológicos e sócio-políticos, tão diversos e diferentes, de hoje... e já se passaram pouco mais de trinta e três anos (cf. *CIC*, no. 147, ano XII, 20 de abril de 1982, p. 157-158). É nossa condição humana, quando idosos ou doentes, somos tocados de uma maneira mais profunda pela nossa própria fragilidade e vulnerabilidade e nos tornamos “*radars de alta sensibilidade*”.

No ano em que a Igreja Católica dedica à vida consagrada, somos convidados a “*olhar o passado com gratidão, viver o presente com paixão, servindo com compaixão samaritana e abraçar o futuro com esperança*”. Esta carta, na verdade se apresenta como uma reflexão a partir de uma ótica ético-pastoral sobre a realidade do envelhecimento humano global (item número um, que pode ser saltado por quem não se interessa tanto por um conhecimento acadêmico científico do “contexto e realidade” da problemática) e exige um pouco de “tempo”, paciência e dedicação para numa leitura meditativa. Expressamos nossa gratidão aos que construíram esta heroica história camiliana de mais de quatro séculos e história e vamos de encontro, às inúmeras solicitações que chegaram até nós, de elaborar uma mensagem aos coirmãos anciãos e doentes de hoje.

Diferentemente da cultura Asiática, onde o idoso é ainda considerado e respeitado culturalmente como sendo a memória e a sabedoria viva da comunidade, por exemplo, no Japão existe o dia do idoso que é celebrado como feriado nacional...), na nossa cultura ocidental, o idoso não é valorizado e muito menos ouvido. Enfatiza-se sempre mais as suas incapacidades, limitações, custos e gastos de cuidado em nível de políticas públicas de saúde, um fator complicador no sistema previdenciário, mais que valorizar sua rica história de vida, experiência e sabedoria humana. Por traz desta visão reducionista de pessoa humana, que só vale pelo que “produz, e não pelo que é, subjaz uma grande questão, ou seja o envelhecimento tem implicado numa etapa de vida marcada por uma crise existencial, em três dimensões: crise de *identidade* (com a perda do eu), de *autonomia* (com dependência crescente) e de *pertença* (desenraizamento ao mudar para uma casa de repouso). Urge recuperar o sentido desta “crise” que afeta profundamente o “ser idoso” numa civilização do descartável e da obsolescência programada! Como insiste com frequência o Papa Francisco: “Ocorreram grandes progressos na medicina e na assistência social, mas também se difundiu uma cultura do descarte, como consequência de uma crise antropológica que não coloca mais o ser humano no centro, mas o consumo e os interesses econômicos (Cfr. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 52-53). Entre as vítimas desta cultura do descarte, gostaria de recordar em particular os idosos, (...), os idosos que são a memória e a sabedoria da humanidade. A sua longevidade nem sempre é vista como um dom de Deus, mas por vezes como um peso difícil de ser carregado, sobretudo quando a saúde está fortemente comprometida. Esta mentalidade, não traz nada de bom para a sociedade, e é nosso dever desenvolver “anticorpos” contra esta maneira de considerar os idosos, ou as pessoas portadoras de deficiências, como vivessem vidas não dignas de serem vividas. Isto é um pecado, e um grave pecado social (...). Que possamos aprender uma outra visão a respeito da vida e da pessoa humana”. (*Papa Francesco, Torino 21/06/2015. Encontro com os doentes e portadores de deficiências na Igreja do Cotelengo*)

Até não muito tempo atrás falávamos de “terceira idade”, mas hoje a literatura científica no âmbito da ciência do envelhecimento distingue três classes de idosos: a) *idosos jovens* de 65- 75 anos; b) *idosos propriamente ditos* entre 75-85 e; c) *os muito idosos*, acima de 85 anos, que no imediato futuro, segundo estudiosos da área, será faixa etária que mais vai crescer. No tempo de São Camilo, se falava de “pobres e doentes” e categoria “idoso”, praticamente não é mencionada nos seus escritos! Certamente deveria existir alguns idosos na época. Hoje, no entanto, junto com os pobres e doentes, temos também os “idosos”, que necessitam de especial cuidado e atenção, principalmente quando acometidos por doenças crônico-

degenerativas tais como o Alzheimer e Parkinson. O envelhecimento populacional é um fenômeno muito recente na história humana. Nos países desenvolvidos os hospitais infantis diminuíram sensivelmente e muitos até desapareceram, mas em compensação as casas de repouso para idosos estão se multiplicando e até se tornando um “negócio” rendoso no contexto dos cuidados de saúde de hoje.

Hoje estamos em plena era glamorosa “*pós tudo*” em muitos aspectos da vida humana. Vivemos numa sociedade denominada “pós-moderna”, falamos de uma era “pós-industrial”, “pós-cristã” e também “pós-mortal” e “pós-humana”! Sim, o “pós-humanismo” não deixa de ser um movimento ideológico, que anuncia o banimento da presença da morte entre nós, que é vista junto com o envelhecimento, como uma doença que temos que encontrar cura e não como uma dimensão de nossa existência, presenteando-nos com o “dom da imortalidade”, nesta terra. Além disso com refinadas técnicas pseudocientíficas, promete para um futuro próximo, que poderemos parar o relógio biológico do envelhecimento humano, e aí sim, viveremos uma eterna juventude (bio-gerontologia). A humanidade ainda nem conseguiu fazer valer e implementar os direitos fundamentais do ser humano proclamados pela ONU em 1948, no imediato pós II guerra Mundial (1939-1945) que garantiriam a possibilidade de se viver com dignidade (liberdade de pensamento e de consciência, educação, saúde, moradia, trabalho, etc.), e agora temos também esta visão de que o ser humano é algo a ser superado e ultrapassado. É claro que estamos diante de uma ideologia, que assim como tentou negar nossa finitude, agora tenta negar também nossa condição humana. Envelhecer não pode ser visto como um processo patológico e muito menos como destino trágico diante o qual não temos nada a fazer a não ser, passivamente aceitar.

Urge descobrirmos como podemos envelhecer com graça, sabedoria, serenidade e elegância estética. Este é o horizonte de nossa reflexão que propomos nesta mensagem, cujo conteúdo se desdobra basicamente de três momentos, a saber: 1) algumas reflexões éticas sobre alguns dados a respeito da realidade do envelhecimento humano hoje no mundo e os desafios que surgem em termos de políticas públicas e de cuidado de saúde. 2) O desafio de sermos protagonistas na arte de viver e desfrutar com dignidade o “domingo da nossa vida”, e, finalmente, 3) alguns alertas aos jovens e anciãos, recordando como sinal de gratidão ao nosso querido Pe. Calisto, pelo legado de ternura que deixou em muitos de nossos corações.

1) Longevidade humana e envelhecimento populacional: um rápido *chek up* global!

1.1. Vivemos muito mais tempo hoje: cresce o número de centenários!

Rezamos frequentemente com o Salmista, dizendo que “*A vida do ser humano vai até setenta anos, oitenta anos, se ela for vigorosa; e a maior parte deles é fadiga e mesquinhez, pois passam depressa, e nós voamos*” (Sl 90,10). Hoje vivemos muito mais, já convivemos com um número significativo de pessoas com mais de cem anos. Em 2011 os centenários no mundo eram em torno de 316.600, segundo a Organização Mundial da Saúde. A segunda parte deste versículo do Salmo, aponta para o desafio de “acrescentar mais vida aos anos, do que anos a vida”. Hoje um grande desafio, este tempo final de vida é marcado sempre mais com a presença das terríveis doenças

crônico degenerativas, entre as quais a doença de Alzheimer (demência) e Parkinson principalmente.

Não é mais novidade para ninguém hoje, de que a população mundial está envelhecendo num ritmo muito acelerado. Progressos no âmbito da saúde pública, melhoria nas condições de vida, avanço da medicina, geriatria e gerontologia entre outros fatores, contribuíram significativamente para que hoje possamos viver mais, e de uma forma digna e saudável. No entanto é muito triste constatar, que desta conquista, ainda muitos seres humanos - por sinal os mais vulneráveis e necessitados - estão excluídos, num mundo globalizado e interconectado, que globaliza sempre mais a injustiça e a indiferença, que a solidariedade. Chegar a velhice é ainda um privilégio de muito poucos, principalmente nos países pobres.

Num relance histórico, vamos perceber que a vida do ser humano durava muito pouco há dois mil anos, no início da era cristã. Segundo dados demográficos, naquele momento o ser humano vivia em média em torno de 25-28 anos tão somente. Jesus ao ser crucificado aos 33 anos, já poderia ser considerado um “velhinho” pois já tinha vivido mais que a média de vida das pessoas de então, o que para nós hoje seria ainda extremamente jovem! Guerras, doenças epidêmicas, catástrofes da natureza e desconhecimento de como prevenir doenças endêmicas e pestes são as razões maiores, para se viver tão pouco tempo. Quando chegamos ao ano 1900, isto é, dezenove séculos mais tarde, a esperança média de vida do ser humano na face da terra, aumentou para aproximadamente 43-46 anos em média. Isto significa que demoramos mil e novecentos anos para duplicarmos o tempo de vida. O extraordinário nesta história da evolução do tempo de vida do ser humano é que em menos de um século, tomando-se como referência este início do século XXI, e olhando o século XX, não obstante todas as barbaridades, catástrofes naturais, e ainda a existência de epidemias, a gripe espanhola por exemplo que dizimou um terço da população da Europa em 1917 e guerras que ceifaram milhões de vidas, a esperança de vida do ser humano aumentou 20 anos em média, chegando aos 60-65 anos, como média mundial. Isto significa que em menos de um século, acrescentamos mais 20 anos de vida, enquanto que antes demoramos, nada mais nada menos, XIX séculos! Evidente que a evolução do conhecimento em saúde pública, prevenção das doenças, o surgimento dos antibióticos, melhora das condições de vida, são fatores chaves nesta revolução que ocorreu em termos de aumento da longevidade humana.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), no informe “*Estatísticas sanitárias mundiais – 2014*”, apresenta alguns dados deste panorama mundial de melhor sensível nas últimas décadas na esperança de vida da humanidade. Uma criança nascida em 2012 tem como esperança média de vida de 72,7 se for mulher, e 68,1 anos se for homem. Isto significa seis anos a mais que a média mundial da esperança de vida para os que nasceram em 1990. Os maiores avanços ocorreram nos países de baixa renda, em que a média da esperança de vida aumentou nove (9) anos entre 1990 e 2012, mais precisamente de 51,2 a 60,2 anos para os homens e 54,0 a 63,1 anos para as mulheres. Um fator importante que ajudou para aumentar a esperança de vida nos países de baixa renda, foi a redução da mortalidade infantil, bem como a redução das mortes por doenças infecciosas em adultos. Os seis países que apresentaram os maiores avanços em relação a esperança de vida de sua população foram, Libéria (19,7 anos), Etiópia, Maldivas, Camboja, Timor-leste e Ruanda.

Vejamos os dez países com maior esperança de vida ao nascer para homens e mulheres que nasceram em 2012. *Para homens nascidos em 2012*: 1. Islândia 81,2; Suíça 80,7; 3. Austrália 80,5; 4. Israel 80,2; 5. Singapura 80,2; 6. Nova Zelândia 80,2; 7. Itália 80,2; 8. Japão 80,0; 9. Suécia 80,0 e 10. Luxemburgo 79,7. *Para mulheres nascidas em 2012*: 1. Japão 87,0; 2. Espanha, 85,1; 3. Suíça 85,1; 4. Singapura 85,1; 5. Itália 85,0; 6. França 84,9; Austrália 84,6; 8. República da Coreia 84,6; 9. Luxemburgo 84,1; 10. Portugal 84,0.

Como vemos a esperança de vida dos homens é de 80 anos ou mais, em nove países. Os valores mais altos correspondem a Austrália, Islândia e Suíça. Para as mulheres, a esperança de vida é igual ou supera os 84 anos em dez países com cifras mais elevadas. A maior esperança de vida das mulheres corresponde ao Japão, com 87,0 anos, seguida pela Espanha, Suíça e Singapura. No outro extremo da escala, temos nove países, todos da África Subsaariana, onde a esperança de vida média dos homens e mulheres segue sendo inferior aos 55 anos.

Sem dúvida vivemos muito mais tempo, porém a duração deste tempo de vida, depende da realidade onde nascemos. Uma criança nascida em 2012 num país rico, com renda alta, tem uma esperança de vida de 75,8 anos, ou seja, mais de 15 anos que uma criança que tenha nascido num país pobre de baixa renda, ou seja, 60,2 anos. Para as crianças de sexo feminino a diferença é ainda maior: 18,9 anos mais que nos países ricos de renda alta (82,0 anos) que nos países pobres de baixa renda (63,1 anos).

As estatísticas enquanto nos revelam o drama de muitas vidas salváveis sendo perdidas. Projetando-se para o futuro, temos a esperança de que muito mais vidas poderão seguramente ser salvas da chamada “morte antes do tempo”. De uma cultura, perspectiva e visão segregacionista e isolacionista em relação aos idosos, que provoca a “morte social” antes da “morte física”, necessitamos hoje, de uma mudança drástica em direção à solidariedade Inter geracional. Em muitos países, próximo de casas de repouso, ou residenciais para idosos, começa-se a ter instituições para crianças, com momentos de encontro, entre os que estão começado a viagem da vida e outros que já estão quase dizendo adeus à vida. Existem lições a serem aprendidas em ambos os lados.

1.2.O envelhecimento no século XXI: uma conquista a ser celebrada e também um grande desafio

O aumento da longevidade de vida, que culmina no processo do envelhecimento é sem dúvida alguma, um triunfo do progresso do conhecimento humano e uma das maiores conquistas da humanidade. As pessoas vivem mais em razão de melhoras na nutrição, nas condições sanitárias, nos avanços da medicina, nos cuidados com a saúde, no ensino e no bem-estar econômico. Em nível mundial, a ONU procura estimular através de seus organismos que cuidam da problemática da população e envelhecimento humano, mudanças de atitudes, políticas públicas e práticas que assegurem que os idosos, não sejam vistos simplesmente como

beneficiários passivos de planos de previdência, mas como participantes ativos do processo de desenvolvimento, cujos direitos devem ser respeitados.

Vejamos alguns dados estatísticos sobre estas mudanças demográficas em curso, que nos dão um instigante panorama em relação ao fenômeno do envelhecimento populacional em termos mundiais. Atualmente a expectativa de vida ao nascer, está acima dos 80 anos em trinta e três países, há cinco anos, eram apenas dezenove. Atualmente, apenas o Japão, conta com uma população de mais de 30% de sua população com 60 anos ou mais. Em 2050, estima-se que 64 países se juntarão a ele, com uma população idosa de mais de 30% do total. O envelhecimento da população ocorre em todas as regiões do mundo, em países com vários níveis de desenvolvimento. Dos atuais quinze países com mais de 10 milhões de idosos, sete são países em desenvolvimento. A expectativa de vida ao nascer aumentou em todo o mundo. Em 2010-2015, a expectativa de vida ao nascer passou a ser de 78 anos nos países desenvolvidos e 68 anos nas regiões em desenvolvimento. Em 2045-2050, os recém-nascidos poderão viver até os 83 anos nas regiões desenvolvidas e 74 naqueles em desenvolvimento.

Em 1950, havia 205 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, no mundo. Em 2050, estima-se que 10,5 da população africana terá 60 anos ou mais, comparada com 24,5 na Ásia, 24% na Oceania, 25% na América Latina e Caribe, 27% na América do Norte e 34% na Europa. A cada segundo, duas pessoas celebram seu sexagésimo aniversário no mundo, um total anual de quase 58 milhões de pessoas que atingem os 60 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas tinham 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance um bilhão, em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando dois bilhões de pessoas ou seja 22% da população global. O número de centenários que em 2011, era de 316.600, aumentará globalmente para 3.2 milhões, em 2050. Neste momento histórico, pela primeira vez na história haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. No ano 2000, já havia mais pessoas com 60 anos ou mais, do que crianças menores de 5 anos.

As mulheres globalmente são a maioria das pessoas idosas. Hoje, para cada 100 mulheres com 60 anos ou mais, em todo o mundo, há apenas 84 homens. E para cada grupo de 100 mulheres com 80 anos ou mais, existem apenas 61 homens. Essas diferenças têm importantes implicações para políticas e planejamento de programas públicos de cuidados de saúde e de previdência social. A geração mais velha não é um grupo homogêneo, para o qual bastam políticas generalistas. É importante não padronizar os idosos, como uma categoria única, mas reconhecer que essa população apresenta características tão diversas, quanto qualquer outro grupo etário em termos, por exemplo, de idade, sexo, etnia, educação, renda e saúde.

No que toca a renda e saúde, globalmente, apenas um terço dos países (isto corresponde a apenas a 28% da população global) contam com planos de proteção social abrangentes, cobrindo todos os ramos da previdência social. Globalmente, 47% dos idosos e 23% das idosas participam da força de trabalho. Há 30 anos, não existia economias “envelhecidas”, nas quais o consumo dos idosos ultrapassa o dos jovens. Em 2010, havia 23 economias “envelhecidas” e, em 2040, projeta-se que teremos

oitenta e nove. No mundo todo, mais de 46% das pessoas com 60 anos ou mais, apresentam incapacitações. Mais de 250 milhões de idosos, apresentam incapacitação moderada a grave nessa fase da vida e é aqui onde temos a necessidade premente de existência, disponibilidade e acessibilidade a cuidados e assistência dignos e especializados de saúde, principalmente na área da reabilitação.

Ao se valorizar a voz dos idosos e ouvir o que eles dizem, o relatório do Fundo da População das Nações Unidas (ONU), *“Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio”* (2012), apresenta o resultado de uma interessante pesquisa, com um mil de trezentos idosos, que evidenciam que temos muito ainda o que fazer para proporcionar dignidade de cuidados aos idosos e garantir-lhe dignidade de viver em liberdade e com respeito. Vejamos: 43% disseram que tinham medo da violência física; 49% acreditavam serem tratados com respeito; 61% utilizavam celular; 53% afirmaram ser difícil ou muito difícil pagar por serviços básicos; 44% descreveram seu atual estado de saúde como bom; 34% afirmaram ser difícil ou muito difícil ter acesso ao atendimento em saúde, quando precisavam.

Em conclusão, reitera-se a necessidade em relação aos idosos, de se garantir a renda, oportunidades de trabalho flexível, acesso aos cuidados de saúde e medicamentos de baixo custo, moradia e transporte adequados, eliminação de discriminação, violência e abusos. Eles afirmam o desejo de manter-se como membros ativos e respeitados da sociedade. Em muitos casos, são os mais idosos que dão assistência, cuidam de filhos e netos adultos, não apenas com o cuidado das crianças e da realização de tarefas domésticas, mas também através contribuições financeiras para a família, com o ganho da modesta aposentadoria.

1.3. Alzheimer: a doença que desafia a ciência e nossa solidariedade

Esta doença está associada ao processo de envelhecimento e até muito recentemente era chamada de “esclerose” ou “caduquice”, e quando os idosos apresentavam problemas de memória, ou se mostravam confusos e esqueciam das coisas, eram chamados pejorativamente de “esclerosados” ou “caducos”. Hoje sabemos que a perda da memória é algo muito sério que independe da vontade da pessoa, mas pode ser o indício de uma doença muito séria, a doença de Alzheimer. A doença de Alzheimer afeta a vida 35,6 milhões de pessoas no mundo, hoje, mas com uma projeção preocupante para quase duplicar a cada 20 anos, alcançando 65,7 milhões em 2030, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). Seu nome oficial liga-se ao médico alemão Alois Alzheimer, o descobridor da doença em 1906.

Somente mencionamos, não temos espaço suficiente para abordar, mas esta questão merece um estudo a parte, que junto com a doença de Alzheimer, temos também o grande desafio da doença de Parkinson que atinge principalmente os idosos, e que junto com Alzheimer são conhecidas como doenças crônico-degenerativas. A doença de Alzheimer ainda não tem cura, mas pode e deve ser tratada e atinge principalmente os idosos. Trata-se de uma doença triste e devastadora e corresponde a 70% dos casos de demência. Quanto mais tempo vivermos, maior é a

probabilidade de um inesperado encontro com ela. A doença se apresenta como demência, ou seja, perda de funções cognitivas (memória, orientação, atenção e linguagem), causada pela morte de células cerebrais. Quando diagnosticada no início, é possível retardar o seu avanço e ter mais controle sobre os sintomas, garantindo-se assim melhor qualidade de vida para a pessoa e familiares. Ainda não sabemos por que o Alzheimer ocorre, mas sabemos os fatores de risco que facilitam seu desenvolvimento, tais como a hipertensão, diabetes, tabagismo e sedentarismo.

Hoje muitos filmes retratam dramas de pessoas que são vítimas desta doença. É o caso por exemplo, do Filme *“Para sempre Alice* (EUA, 2014). Nesta película a protagonista, uma professora de linguística revela toda o seu drama de enfrentamento da doença. *“Toda a minha vida eu acumulei lembranças (...) e elas se tornaram meus bens mais preciosos, mas tudo isto está sendo levado embora. Como podem imaginar, isso é o inferno mas fica pior”*. Não faltam também o testemunho heroico de dedicação de familiares cuidadores. Maria Soledad C. Ortiz, cuidadora e membro da Associação de Alzheimer da Costa Rica, fala do drama vivido e do cuidado que prestou a sua mãe, portadora da doença de Alzheimer.

“Minha mãe era minha melhor amiga e confidente, até que um dia, há 9 anos, comecei a perdê-la. Minha família e eu, pensávamos que era depressão, mas após consulta médica e vários exames, veio a notícia implacável: Alzheimer!

Senti que o mundo entrou em colapso. Eu não conseguia aceitar que minha querida mãe nunca mais fosse a mesma, que esta doença a consumiria e que chegaria o dia quando ela não mais iria me reconhecer quem eu era, sua filha.

Sabia que tudo o que eu poderia fazer era somente dar a ela meu amor, compreensão e apoio. Demonstrei isto a cada momento de cuidá-la, no banho, refeição, troca de roupas, ao sair para um passeio, em cada abraço, sorriso e beijo. A vida me deu a oportunidade de retribuir um pouco, ou muito, do que ela fez por mim desde quando era pequenina.

É muito duro e triste, quando você se dá conta que esta doença avança e sentir-se só. Muitos amigos e parentes não sabem como ajudar, se comportar e simplesmente vão embora, abandonam a pessoa. Mas os verdadeiros amigos permanecem e alguns membros da família partilham a responsabilidade de cuidar com amor e dedicação.

Pessoalmente, tenho que me dividir entre ser uma filha cuidadora, mãe e trabalhadora. Não tem sido fácil para conseguir o necessário equilíbrio, mas com a ajuda de Deus, tenho sido capaz de lidar com isto, não obstante, para ser honesta, o cansaço por vez me domina, mas a gente nunca cansa de amar!”.

Que dizer, após este relato tão verdadeiro da condição humana de alguém acometido por Alzheimer.... Em meio a um terrível e dramático processo de perdas, não podemos esquecer que nunca perdemos nossa dignidade! Difícil termos palavras, melhor silenciar e abraçarmos solidariamente nossa própria vulnerabilidade e a de nossos semelhantes, cuidando-se e cuidando dos outros! Este é um exemplo de um drama familiar, hoje sempre mais numeroso, que exige atenção dos sistemas de saúde

em preparar profissionais que aliem à necessária competência tecnocientífica, competência humano-ética, mas também a educação de cuidadores familiares.

O Papa Francisco, fala da “doença do Alzheimer espiritual”, ou seja, do esquecimento da história da salvação, da história pessoal com o Senhor. Trata-se de um progressivo declínio das faculdades espirituais que causa grave deficiência à pessoa. Isto ocorre naqueles que perderam a memória do encontro com o Senhor, naqueles que se tornaram dependentes de suas próprias paixões, capricho e manias e naqueles que constroem em torno de si murros, tornando-se escravos dos ídolos que esculpiram com suas próprias mãos. Desta doença livrai-nos Senhor!

Num horizonte de esperança, almejamos que as pessoas em todos os lugares do planeta, possam envelhecer saudavelmente, com dignidade e segurança, desfrutando da vida através da plena realização de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais. Certamente cada diferente idade da vida humana, tem algo para doar para a sociedade. Urge que inovemos com uma nova cultura de cuidado e respeito para com os idosos. Entre outras vias, educação e implementação de políticas públicas, sociais e de saúde, são fundamentais para se criar uma nova cultura de valorização da memória histórica, experiência e sabedoria de vida da atual geração de idosos para que os jovens de hoje, idosos de amanhã, possam envelhecer com graça e dignidade no futuro.

2) Viver com gosto e dignidade o nosso “domingo da vida”!

O tempo da vida como “*cronos*”, hoje está muito bem documentado pelos conhecimentos científicos da geriatria e gerontologia. Mas documenta-se prioritariamente o caminho da escuridão e das sombras, ou seja, do “*cronos*” que aponta para mudanças e perdas drásticas de energias, forças, habilidades, lucidez e vontade e percepção de nossa finitude. Abraçar o tempo da vida, como “*kairós*”, como caminho das “luzes” enquanto vivendo no “*cronos*” é uma opção em direção a um envelhecimento digno e saudável.

O idoso não se pode entregar passivamente no âmbito somente do “*cronos*”, que aponta um futuro de envelhecimento como um destino implacável, com a diminuição das forças e energias, lucidez e crescente dependência dos outros. O idoso necessita expandir-se criativamente. Ele está passando para uma etapa de vida plena de sabedoria existencial e ainda pode contribuir muito à comunidade e sociedade. Envelhecer com dignidade e elegância significa é uma escolha, um desafio, uma meta e uma verdadeira missão que começa conosco mesmos, antes de anunciar aos outros. Alguns cuidados se fazem necessários, entre outros lembramos, com Dom Aloisio Lorscheider, franciscano (OFM), Cardeal brasileiro de projeção internacional, poucos meses antes de sua morte (23/12/2007), aos 83 anos de vida, proferiu uma palestra para seus confrades Franciscanos idosos, no convento onde se recolheu em silêncio nos últimos anos de vida, sobre “*envelhecer com sabedoria*”. Partilhado sua experiência pessoal, na condição de um ancião ele diz que “*o tempo de velhice é o nosso domingo da vida*”. Imagem linda de pastor que conhece as ovelhas e reconhece que no domingo *o ser, o conviver, o celebrar e o brincar*, ganham prioridade sobre o

trabalho, o fazer coisas e stress cotidiano dos estudos, etc. Meditemos sobre a mensagem deste “sábio e respeitável ancião”, o que ele nos diz a partir de sua vivência pessoal como idoso, de que é necessário:

1. *Cuidar para não perdermos a nossa identidade.* Somos pessoas dignas, e continuamos a sê-lo, mesmo como idosos. Envelhecer não é uma fatalidade do destino, mas podemos escolher como envelhecer, sem renunciar às nossas capacidades e dons de ser e de agir. O ideal é que quando chegada a nossa hora de partir deste mundo, partirmos estando ainda plenamente vivos e não que vivamos apenas esperando pela morte, entregando-se passivamente ao tédio e ao pessimismo. É necessário “curtir” cada instante, extraindo dele todo o suco da vida.

2. *Tempo de contemplação.* A velhice não pode deixar de ser tempo de contemplação e também de encantamento. Pelos anos vividos, amadurecemos. Armazenamos ao longo da vida muitos fatos, experiências, algumas lindas outras tristes, dentro de nós. É preciso contempla-las, de modo especial, as verdades da nossa fé. Se o fizermos, o tempo nos parecerá breve, porque há muita coisa para aprofundar contemplativamente em nosso íntimo.

3. *Tempo de silêncio* - A velhice é também tempo de silêncio. Santa Teresa de Ávila sempre insistia no recolhimento e sobretudo no “silêncio interior”. Quando éramos mais jovens, por natureza e idade, éramos, mais agitados e barulhentos. Um pouco mais avançados em idade, nos tornamos mais calmos e tranquilos. Preferimos lugares mais silenciosos, longe do barulho infernal da cidade, trânsito e fábricas. Ouvir música pode ser uma importante conquista.

4. *Tempo de despojamento e desapego* - Aos poucos, desapegamo-nos de muitas futilidades, superficialidades, rancores, lamúrias e sofrimentos. É o tempo de nossa “*Kenosis*” pessoal, de perdão e viver em paz. Com o crescer dos anos, corremos o risco de nos tornarmos blocos de granitos, duros, impermeáveis e imutáveis. Pensamos que não temos mais nada a aprender dos jovens e fechamo-nos, em nós mesmos. Como ficam as nossas ideias, os nossos gostos e as pessoas amigas? É preciso transformar o bloco de granito em bloco de cristal transparente.

5. *Tempo de oração* - A oração é a missão especial do idoso. Ele tem mais tempo disponível. Se não orarmos, a nossa idade avançada perde muito do seu sentido. A velhice é um tempo especial para cultivarmos mais intensamente nossa espiritualidade. E é bom rejuvenescermos pela nossa oração. A oração rejuvenesce o coração. São Paulo lembra-nos que “*o homem exterior se caminha para a sua ruína, não impede que o homem interior se renove dia-a-dia*” (2Cor 4,16). A oração é também um meio para sairmos da solidão, que é a maior ameaça da nossa idade avançada. Ela nos reúne aos outros e a Deus, reforçando nosso sentido de pertença. Força misteriosa, mas atuante. É o caminho da juventude do coração do ser humano interior.

6. *Tempo de domínio de nós mesmos.* Como nos comportamos? Como idosos impacientes, egoístas, murmuradores, ou antes, como idosos puros de coração,

pacientes, tolerantes e desapegados? É necessário criar em nós um novo olhar com maior serenidade sobre nossas vidas vividas. Afastarmos as irritações e cultivarmos a alegria por ainda estarmos vivos e ainda podermos contribuir com algo.

7. *Tempo de cultivar e testemunhar gratidão.* Somente quem cultiva a humildade e abraça a sua condição humana vulnerável é capaz de agradecer! Os arrogantes e autossuficientes se bastam a si próprios e neste sentido e dispensam Deus. Seremos gratos a Deus por tantas oportunidades magníficas de crescimento que tivemos ao longo da vida. Mais do que “lamentações”, somos desafiados a cultivarmos uma atitude de “apreciação da vida”! Somos convidados a expressarmos nossa gratidão a Deus e a tantas pessoas que nos ajudaram ao longo da vida.

Da nossa convivência pastoral junto aos doentes e idosos, sempre nos chamou muito a atenção, ouvindo com frequência as pessoas afirmarem, principalmente antes de uma cirurgia grave, de risco de vida, por exemplo: *“Padre se for para ficar sofrendo ou dependendo dos outros, então prefiro morrer, que Deus me leve”*. Encontramos em nosso meio, muitas situações de idosos doentes, que estão sofrendo, revoltados com a dependência crescente dos outros e de cuidados médicos e se sentindo inúteis. O que fazer para reconquistar a autoestima, a alegria de viver, mesmo nestas condições de máxima vulnerabilidade humana? Viver é conviver, solidariamente ajudando-nos nas nossas necessidades. Necessitamos prestar atenção, pois nossa sociedade vai na contramão desta perspectiva de valores e define como algo “feio” e até “indigno” depender dos outros. Não valeria a pena viver, melhor morrer! E quando temos que enfrentar alguma dificuldade maior na vida, ou então um processo de enfermidade degenerativa, não existe mais valores para dar um sentido e significado à vida nestas condições. Então a eutanásia passa a ser vista com muita simpatia e até como uma opção de saída desta situação. Mas será que perdemos nossa dignidade por necessitar de cuidados? Temos que também aprender a abraçar a nossa própria condição de vulnerabilidade, deixando-se cuidar! Como fomos cuidados para nascer... também necessitamos de cuidados ao envelhecer e também no momento final ao partirmos deste mundo. Lembremos o quanto São Camilo fez e nos ensinou neste aspecto!

3) Convivendo com coirmãos idosos e doentes e a necessidade de nos prepararmos para envelhecer saudavelmente!

Somos humanos, e não anjos, e é exatamente a partir desta condição humana, frágil e vulnerável, que um dia, num determinado momento de nossas vidas, fomos tocados pela graça divina, de uma forma misteriosa. Fomos escolhidos, educados e enviados ao mundo como camilianos para ser e anunciar uma “boa notícia” (Evangelho). Não faltam desafios nesta missão. Segundo o Papa Francisco, a vida consagrada em diante de si três grandes desafios a serem enfrentados com ousadia: *“Declínio numérico, o envelhecimento e a diminuição das vocações”* (Papa Francisco em sua mensagem a Ordem dos Frades Menores Franciscanos, 26/05/2015). Hoje enfrentamos o desafio do reestabelecimento dos laços de solidariedade Inter geracional, frente a uma ideologia que segrega, isola e descarta facilmente os idosos.

O nosso estimado Pe. Calisto Vendrame na sua linda mensagem aos idosos, escrita há trinta e três anos atrás, já nos alertava de que “não é necessário segregar os nossos idosos. A sua presença nas nossas comunidades, quando junto com a sua experiência se alia a sabedoria, é uma verdadeira benção. Saber escutar e dialogar, para descobrir e ir de encontro às verdadeiras necessidades do idoso, dos quais com frequência nem ele está plenamente consciente. Outro ponto importante, diz Vendrame, “é ajudar o idoso a viver a sua vida em todas as suas dimensões, sem substituí-lo” (cf. **CIC**, no. 147, ano XII, 20 de abril de 1982, p. 155-158). Em outros termos, cuidar é respeitar o protagonismo do idoso, sua autonomia, ainda que diminuída, sem ser paternalista ou infantilizando-o.

Constatava Pe. Calisto, que “alguns idosos se tornam antipáticos sem necessidade, em boa fé (“mas nem sempre é uma ‘fé boa’”), pois se sentem na obrigação, em consciência, de vigiar, corrigir, censurar e talvez também de denunciar. Gostaria, se fosse possível, de poupá-los deste sofrimento, bem como a comunidade, dispensando-os daquela obrigação. Quando somos idosos, se não temos a responsabilidade de Superior (que é o pai da comunidade), seremos todos muito mais amados se soubermos nos comportar como “avós”, antes que como “pais”. O livro do Eclesiástico já aconselhava há mais de dois mil anos: “*Fala ó ancião, pois isso convém a ti, mas discrição! Não atrapalhes a música*” (Ecle 32,3).

Continua Calisto nos alertando: “Parece-me importante para os nossos religiosos saber envelhecer com sabedoria e serenidade, e preparar-se no tempo para superar a barreira da idade sem traumas. Saber resistir as duas tentações próprias de quem envelhece: aquela de não aceitar a realidade e de não deixar os encargos que não podemos mais levar adiante com satisfação dos outros, e aquela oposta de perder a confiança nas próprias forças, ainda que reduzidas e abandonar tudo. O segredo está em saber deixar certas atividades e assumir outras mais conforme às próprias forças, sem nunca perder o interesse pela vida”.

“Se pudesse dar um conselho aos meus coirmãos mais jovens, diria: Tenham compreensão e amor para com os nossos anciãos que com muito sacrifício abriram as estradas sob as quais hoje nós viajamos tranquilos. Eles se sacrificaram para que nós pudéssemos ter aquilo que eles nunca puderam ter. Eles necessitam do nosso reconhecimento e nosso afeto. Abri os olhos para ver aquilo que eles necessitam, poupando-os do sofrimento de dizer que “um idoso amado, é um inverno pleno de flores”.

“Aos meus coirmãos mais idosos e doentes, diria: Temos necessidade da sabedoria, exemplo, oração e cordialidade e vocês. A presença de vocês na comunidade é preciosa, não somente porque nos dá a alegria de servir, como ao próprio Cristo e de qualquer modo retribuir o tanto que vocês têm feito por nós, mas também reconhecer que sem vocês, a comunidade se sentiria um pouco órfã e poderia esquecer algumas dimensões de uma realidade que devemos levar em conta, para que a nossa vida seja mais verdadeira”.

“Sabemos também que poderemos viver ‘noites do espírito’, porque Deus não é fácil para ninguém, mesmo sendo Ele amor, ou mais precisamente, exatamente

porque ele é Amor. Vendo-os a gerir com serenidade o vosso processo de envelhecimento, vendo-os viver não somente de recordações, mas também de sonhos e projetos, nos sentimos mais serenos e encorajados também nós, que viajamos nas mesmas estradas: que possamos olhar para o futuro com esperança”.

Aqui está indicado o caminho para seguirmos avante, construindo um horizonte de esperança. Aos idosos e doentes de hoje expressamos nosso cuidado, respeito e gratidão. Aos jovens e adultos, idosos do amanhã, temos diante de nós, uma missão e uma escolha existencial que ninguém pode nos substituir nesta responsabilidade. Por isso nos perguntamos, diante deste imperativo: como estamos envelhecendo; estamos cuidando do idoso que silenciosamente está nascendo e crescendo dentro de nós mesmos? Afinal, que tipo de idosos seremos no futuro, o que estamos gestando em nosso interior: alguém que somente recorda, proclama e reza os “salmos de lamentação da vida”, ou também alguém capaz de sonhos, projetos e gratidão?

Que São Camilo, nosso pai fundador e inspirador nos proteja e que os avós de Jesus, Sant Ana e São Joaquim, nos inspirem em como enfrentar os momentos de sofrimento na vida com serenidade evangélica e envelhecermos com sabedoria e elegância!

14 de julho de 2015

401º. Aniversário da morte de São Camilo



Superiore Generale
Superior General

Pe. Leocir Pessini, MI
Superior Geral dos Camilianos